



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA COM ÁREA DE APROFUNDAMENTO EM
EDUCAÇÃO DO CAMPO

CACILDA DE KÁTIA ESTRELA ABRANTES SILVA

**METODOLOGIAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UM OLHAR A
PARTIR DOS ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS**

JOÃO PESSOA-PB

2020

CACILDA DE KÁTIA ESTRELA ABRANTES SILVA

**METODOLOGIAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UM OLHAR A
PARTIR DOS ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia, área de aprofundamento em Educação do Campo, para a obtenção do título de Licenciado em Pedagogia do Campo, sob a Orientação do Prof. Dr. Eduardo Jorge Lopes da Silva.

JOÃO PESOA

2020

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586m Silva, Cacilda de Katia Estrela Abrantes.
METODOLOGIAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UM OLHAR
A PARTIR DOS ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS / Cacilda de
Katia Estrela Abrantes Silva. - João Pessoa, 2020.
42 f.

Orientação: EDUARDO JORGE LOPES DA SILVA.
Monografia (Graduação) - UFPB/CAMPUS I.

1. EJA. METODOLOGIAS. PRÁTICAS EDUCATIVAS. I. SILVA,
EDUARDO JORGE LOPES DA. II. Título.

UFPB/BC

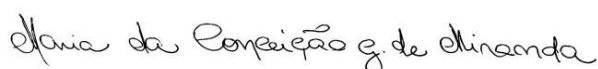
Monografia aprovada como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em
Pedagogia, aprofundamento em Educação do Campo.

Aprovada em: 03/04/2020.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Eduardo Jorge Lopes da Silva
Universidade Federal da Paraíba
Centro de Educação
Departamento de Fundamentação da Educação
Orientador



Profa. Maria da Conceição Gomes de Miranda
Universidade Federal da Paraíba
Centro de Educação
Departamento de Metodologia da Educação
Examinadora



Prof. Dr. Marcos Angelus M. de Alcantara
Universidade Federal da Paraíba
Centro de Educação
Departamento de Metodologia da Educação
Examinador

JOÃO PESSOA-PB

2020

Dedico este trabalho ao meu pai Everaldo Soares da Silva (in memoriam), que me ensinou como se erguer diante das adversidades da vida. E toda a minha família e ao meu professor e orientador: Eduardo Jorge Lopes da Silva por todo o apoio recebido meu muito obrigado.

RESUMO

Esta pesquisa consiste em uma análise sobre as metodologias utilizadas nas práticas educativas na Educação de Jovens e Adultos, vivenciados durante as realizações dos estágios supervisionados no Curso de Pedagogia, com área de aprofundamento em Educação do Campo. Tal estudo é fundamentado com embasamentos teóricos de alguns autores que tratam da referida temática, tais como: Freire (1996), Gadotti (2005) e Oliveira (2007), além de outros que abordam a respeito do objeto deste trabalho. A abordagem metodológica utilizada é de cunho qualitativo, do tipo pesquisa bibliográfico, com análise de literaturas que fazem referências ao tema. Os resultados desta pesquisa apontam que as metodologias utilizadas ainda continuam frágeis, quanto não são aplicadas adequadamente diante de um cenário de crescimento de conhecimentos dos sujeitos que compõem a modalidade da Educação de Jovens e Adultos. Diante de tal realidade concluí que é de fundamental importância que novas metodologias e suas práticas sejam de fato compartilhadas na importância e conhecimentos desses jovens-adultos.

Palavras-chave: EJA. Metodologias. Práticas Educativas.

ABSTRACT

The present work is an analysis of the methodologies used in the educational practices in the field of the Education of Young and Adults, experienced during the carrying out of supervised internships in the Pedagogy Course, with a deep focus on Rural Education. The theoretical background is mainly based on Freire (1996), Gadotti (2005) and Oliveira (2007), besides other scholars who also discuss the object of this research. The methodological approach is qualitative, of bibliographical research kind, with an analysis of the literature concerning the topic. The results point to the fact that the methodologies used remain fragile while their application has been inadequately employed in a scenario of knowledge growth by the subjects inserted in the modality of Education of Young and Adults. In face of this reality, our conclusion is that it is of great importance that new methodologies and their practices should be really shared on both relevance and previous knowledge by these young-adults.

Keywords: EJA. Methodologies. Educational Practices.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 CONCEITO DA EJA.....	14
3 FUNÇÕES DA EJA	17
3.1 Função Reparadora.....	17
3.2 Função Equalizadora.....	18
3.3 Função Qualificadora.....	18
4 SUJEITOS DA EJA	21
5 METODOLOGIAS E PRÁTICAS DA EJA.....	23
5.1 Metodologias e Práticas na Perspectiva de Paulo Freire.....	26
6 AS ANÁLISES DOS RELATÓRIOS DE ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS NA EJA.....	28
6.1 Os Estágios Supervisionados na EJA.....	30
6.2 O estágio supervisionado II.....	32
6.3 O estágio supervisionado III.....	33
6.4 O estágio supervisionado IV.....	35
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS.....	42

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa tem como objetivo refletir sobre as metodologias presentes nas práticas pedagógicas de professores da Educação de Jovens e Adultos (EJA), para identificar quais tipos de metodologias mais utilizadas por estes docentes na modalidade.

Nosso campo empírico foram os relatórios de estágios supervisionados vivenciados na modalidade em questão, durante nossa atuação no Curso de Pedagogia, com área de aprofundamento em Educação do Campo. Além de identificar, discutir a partir do referencial teórico os processos praticados na EJA realizadas nas ocasiões dos estágios supervisionados: II 2017.2 no período de 09/03 a 07/05; III 2018.2, período de 14/08 a 02/10 e IV, 2019,1 no período de 13/03 a 17/04.

Diante disso entendemos que para praticarmos uma nova abordagem de métodos e práticas na EJA que pode beneficiar o corpo discente, bem como a comunidade, juntos aos professores e gestor que serão responsáveis pelas decisões das propostas pedagógicas e políticas na escola onde estão inseridas com um ensino-aprendizagem diferenciado de acordo com as necessidades e especificidades dos seus sujeitos.

É sabido que dentro do espaço escolar educacional há condições estruturais que fomenta em muitas situações às particularidades específicas da educação, contudo ao adotar uma nova concepção metodológica aos sujeitos da EJA, partimos do entendimento que esse tipo de prática educacional deve categorizar as realidades existentes desse público alvo.

Portanto uma escola voltada para práticas pedagógicas contextualizadas à realidade dos alunos levará promoção de potencialidades competências e a valorização de si como sujeitos históricos.

Na atual sociedade em que vivemos, o ensino de jovens e adultos passa por todos os problemas vividos pela educação no Brasil e um deles é a metodologia praticada pelos professores dessa modalidade em sala de aula.

Portanto ao pensar na EJA e seus sujeitos torna-se imprescindível considerar as diferenças e entender o perfil dos diferentes alunos para aplicar metodologias voltadas para os jovens e adultos, isto é, adotar práticas metodológicas pertinentes que valorizem os indivíduos apontando sua importância para o resgate de cidadãos, respeitando às diversidades, contextualizando os conteúdos, tornando-os significativos com a base na realidade dos seus sujeitos.

A EJA tem um papel promissor na condução de qualificar para a vida de todos, mas até mesmo os idosos o que garante suas experiências para as futuras gerações, onde se pode caracterizar apropriado para a expectativa de vida.

Esta pesquisa, portanto, pretendeu em seus objetivos específicos identificar as metodologias praticadas e discutir seus desafios e possibilidades no contexto da EJA. Para tanto a realização desta investigação optou pela pesquisa bibliográfica, com base numa abordagem qualitativa. A análise foi documental, uma vez que nos debruçamos sobre os relatórios de estágio supervisionado vivenciados durante os semestres 2017.2; 2018.2 e 2019,1.

A pesquisa de natureza qualitativa, segundo Minayo (2001, p.22) é aquela que:

Trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos a operacionalização de variáveis.

Quanto ao tipo de pesquisa bibliográfica, esta, segundo Fonseca (2002, p. 32):

[...] é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográficas, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta.

Para o procedimento descritivo este trabalho se dedicou apresentar os dados coletados durante a realização do estudo de caso, onde a inferência de Triviños (1987) é pertinente quando assegura que: “esse tipo de estudo pretende descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade”.

Diante do exposto surge uma questão: Que tipos de metodologias e práticas são vivenciados na Educação de Jovens e Adultos?

Visando a partir do objetivo geral em analisar as metodologias utilizadas na Educação de Jovens e Adultos (EJA) e identificar as metodologias praticadas por seus professores, por meio da análise documental, discutimos sobre os desafios e possibilidades pedagógica na modalidade em questão. Para isso destacaremos as pedagógicas para esse trabalho a partir das coletas de dados através de pesquisas bibliográficas sobre a temática em questão, incluindo

livros dos autores, a saber: Freire (1996) e Gadotti (2005), Oliveira (2007), dentre outros que fundamentam esta pesquisa como trabalhos analisados de tese de Formação de professores e Práticas Pedagógicas; e artigo do I Congresso de Inovação Pedagógica em Arapiraca, 2015, e Documentos Oficiais como: LDB (2015) e o Parecer CNE/CEB 11/2000

Em seguida foram procedidos as leituras e os registros dos textos para a avaliação da elegibilidade. Após a coleta das informações, estes foram categorizados à luz do referencial teórico elegido.

Quanto ao estágio supervisionado, este foi realizado em uma escola de rede estadual no bairro de Valentina de Figueiredo, João Pessoa-PB. Visto que o interesse pela pesquisa se originou na proximidade com os jovens e adultos durante as práticas da obrigatoriedade da disciplina de estagio supervisionado II, III e IV, no Curso de Licenciatura em Pedagogia com aprofundamento em Educação do Campo, da Universidade Federal da Paraíba – Campus I.

O nosso interesse pela EJA nos impulsionou aprofundar os estudos nas políticas públicas desta área, principalmente após ter apresentado a oportunidade de reger algumas aulas nos períodos dos estágios de regência, o qual sentiu muita dificuldade, devido à metodologia que era aplicada de forma infantilizada para os educandos.

Os estágios ocorreram nos Ciclos II da EJA, durante o turno noturno, cuja professora supervisora, graduada em Pedagogia nos acompanhou durante todo o processo dos estágios realizados nessa instituição de ensino. Durante o período de observação e regência as atividades realizadas nos permitiram analisar e ressaltar algumas questões aos quais consideramos relevantes em relação aos alunos da Educação de Jovens e Adultos.

Foi observado que os alunos não demonstravam interesse em participar ativamente dos processos de ensino-aprendizagem, tendo sua motivação em apenas conquistar a carteira de estudante, após recebê-la evadiam-se. Essa evasão ocorria logo após o início do segundo semestre ficando apenas a minoria que já retornam desmotivados em concluir o ano letivo por vários problemas apresentado pelos os próprios discentes, como o cansaço físico decorrente do dia de trabalho. O autor Norbeck (1981, p. 41) afirma que:

Infelizmente, o único tempo disponível que o adulto tem para participar em educação de adultos é a noite, depois de um longo dia de trabalho. O seu cansaço não só contribui para sua convicção de que não consegue aprender, mas também muitas vezes, leva-o a não comparecer as aulas.

Os alunos dessa modalidade de ensino apresentam desmotivação em estar na sala de aula onde a professora, embora tenha um bom relacionamento com os mesmos continua

ministrando as aulas, sem nenhum diferencial que enriqueça os momentos de ministração das temáticas a serem trabalhadas, principalmente da disciplina de português.

Sabendo-se que o processo de alfabetização da turma de Educação de Jovens e Adultos está diretamente ligado as práticas de leituras e escritas das escolas de Ensino Fundamental dos anos iniciais, é preciso levar em consideração que o tempo do adulto em aprender é diferente do tempo da criança.

Portanto o educador precisa encontrar formas adequadas de ensinar esse adulto de maneira que suas especificidades sejam consideradas e que o ensino-aprendizagem ocorra sem possuir nenhuma possibilidade de infantilizá-lo, conforme afirma Gadotti (2001, p. 3):

O aluno não pode ser tratado como uma criança cuja história de vida apenas começa. Ele quer a aplicação imediata do que está aprendendo. Ao mesmo tempo, apresenta temeroso, sente-se ameaçado, precisa ser estimulado, criar autoestima, pois sua ignorância lhe traz tensão, angústia, complexo de inferioridade. Muitas vezes tem vergonha de falar de si mesmo, de sua moradia, de sua experiência frustrada da infância, principalmente com relação à escola. É preciso que tudo isso seja verbalizado e analisado. O primeiro direito do alfabetizando é o direito de se expressar.

Portanto o professor da EJA precisa encontrar metodologias que em suas práxis alcance esses sujeitos. Ainda comentando acerca desses educandos que, além do cansaço físico e mental depois de uma jornada de trabalho, aonde muitos chegam desmotivados para estarem todos os dias em sala de aula, nos deparamos também com outro tipo de problema, esse centrado entre as mulheres (alunas) que enfrentam empecilhos por parte do conjugue que argumentam não haver necessidade de estar estudando novamente, demonstrando sentimento de desconfiança (ciúme).

Diante dessas problemáticas foi inevitável não discutirmos esses temas junto aos discentes, tendo em vista a necessidade que eles demonstraram em compartilhar seus medos e anseios com alguém pouco conhecido deles, a estagiária.

O que mais chama atenção são os comentários que surgem após a execução da aula, como esse relato de um aluno da EJA de uma Escola Pública Estadual, que após ser questionado se compareceria à aula no dia seguinte, o mesmo respondeu: “Acho que não, porque as aulas são todas do mesmo jeito”. (ESTÁGIO SUPERVISIONADO, 2018)

Em outro momento foi proposto a um determinado aluno a realização de uma atividade, o mesmo expressou-se verbalmente da seguinte forma:

-“Essa atividade parece de criança”.

Aluno da EJA de uma Escola Pública Estadual: (ESTÁGIO SUPERVISIONADO, 2018.1).

Ser professor da EJA vai além do ensino-aprendizagem, pois, é necessário escutarmos os alunos, pois não estaremos em uma sala de aula apenas para transmitirmos conhecimentos e cumprirmos um currículo, mas, também, ajudando-os a se encontrarem como, isto é, seres humanos emancipados e protagonistas das suas vivências com censo crítico-reflexivo na construção de uma sociedade igualitária. Nessa perspectiva analisa-se que para aliviarmos as tensões que envolvem a rotina dos discentes fora da instituição de ensino que os prejudica na motivação de estarem em sala de aula é necessária uma metodologia diferenciada com estratégias motivadoras para que os alunos sejam atraídos a permanecerem em sala de aula, acabando ou minimizando com essa evasão tão presente na Educação de Jovens e Adultos.

A inserção de novas práticas metodológicas na Educação de Jovens e Adultos pode contribuir para fazer oposição àquelas velhas formas tradicionais, visto que essas novas metodologias praticadas nessa modalidade contribuirão para o processo o qual incentivará os sujeitos às múltiplas linguagens visuais e com ela as dimensões do trabalho e cidadania.

Desta feita esse tipo de modelo no cenário atual de grandes transformações que a sociedade vem experimentando caracteriza-se como relevante nos seus mais diversos aspectos de vivências, onde através de uma nova política prática de se aplicar novos meios para a educação de jovens e adultos agrega valores que contribuem para autonomia desses sujeitos

Partimos, então em discutir as metodologias utilizadas na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Visto que essa análise tem por finalidade de fazer um diagnóstico das práticas metodológicas praticadas em sala de aula durante o processo de ensino aprendizagem desses alunos.

Sabe-se que essa modalidade de ensino é formada por sujeitos que resolveram por algum motivo retornar aos estudos. Sendo assim é importante que o professor utilize de uma metodologia diferenciada e estimuladora para resgatar as capacidades intelectuais dos discentes da EJA.

Partindo da certeza que todos são capazes quando encontram sentido no que estão fazendo, reafirmamos a importância de uma visão metodológica comprometida com a transformação social, em busca de técnicas específicas, adequadas e relevantes, preparando o sujeito para viver em sociedade de forma participativa intervindo assim em situações necessárias.

A proposta da nossa pesquisa diante desses questionamentos em torno das abordagens metodológicas utilizadas por profissionais da EJA é refletirmos sobre a qualidade de ensino-aprendizagem que tem chegado a esses alunos e sua importância no desenvolvimento dos mesmos, acreditando que o homem é um ser social, pronto a aprender e capaz de desenvolver tudo que lhe é ensinado.

Assim sendo, a pesquisa sobre Metodologias na Educação de Jovens e Adultos: Um Olhar a Partir dos Estágios Supervisionados no Curso de Pedagogia do Campo possibilitará trazer elementos para construção do conhecimento científico acerca das práticas e metodologias na EJA. Tendo em vista que essa temática tem sido pouco debatida nos círculos das instituições educacionais que doravante demonstra a necessidade e importância desse objeto de estudo e que está estruturada em seis capítulos.

No primeiro capítulo tem o caráter introdutório e está caracterizado da problemática, justificativa, além dos objetivos e de suas metodologias. No segundo tópico a abordagem é de conceito da EJA. No terceiro é intitulado às funções da EJA, E no quarto item segue a uma breve caracterização acerca do perfil do sujeito da EJA.

Enquanto no quinto capítulo a abordagens são destinadas as metodologias e práticas da EJA, com destaque da contribuição literária do autor Paulo Freire.

Enfim, além de destacar no capítulo seis, as análises dos estágios supervisionados II, III, IV, apresentaremos as considerações finais e respectivamente as referências analisadas para a respectiva pesquisa.

2 CONCEITO DA EJA

Segundo a Lei 9.394/96 a Educação de Jovens e Adultos é qualificada como uma modalidade de ensino da educação básica nas fases do ensino fundamental e médio com peculiaridade própria. Portanto a EJA tem se caracterizado como proposta organizacional com estruturação educacional no âmbito nacional com elementos funcionais e com finalidades particulares.

A educação é um bem público e a escola é o espaço público onde é exercido esse direito, segundo Cavalcanti (2010, p. 1) explica que: “Tratar a Educação como serviço público é um passo para se desenvolver um planejamento a longo prazo em prol da dignidade humana e da liberdade”.

Diante do exposto pelo autor o lugar público escolar caracteriza-se pela manifestação de conhecimentos, além de demonstrar decididamente a importância e princípios nela contidos a formação do indivíduo.

Modalidade, sua terminologia é um diminutivo da língua latina de *modus* (modo, maneira), denota uma ideia própria de ser, perfil próprio, etc., tendo em seu modo de existir uma particularidade própria. É um curso ofertado aos jovens a partir dos 15 anos de idade, pela secretaria de educação, presencial ou semipresencial. Segundo o Parecer CNE/CEB nº 11/2000:

A nova formulação legal da EJA no interior da educação básica, como modalidade do ensino fundamental e sua inclusão na ótica do direito, como direito público subjetivo, é uma conquista e um avanço cuja efetivação representa um caminho no âmbito da colaboração recíproca e na necessidade de políticas integradas. (BRASIL, 2000, p. 53)

No mesmo Parecer há advertência quanto ao costume dos poderes auxiliares, de desigualdade e excludente que ainda estão presentes ou acompanha essa modalidade. A EJA não pode ser identificada como sendo algo dentro de um artifício metodológico inicial de alfabetização, pois sua postura é impulsionar seus educandos às diversas formas de linguagens visuais em conjunto com as dimensões do trabalho e da cidadania.

[...] são adultos ou jovens adultos, via de regra mais pobres e com a vida escolar mais acidentada. Estudantes que aspiram a trabalhar, trabalhadores que precisam estudar, a clientela do ensino médio tende a tornar-se mais heterogênea, tanto etária quanto socioeconomicamente, pela incorporação crescente de jovens adultos originários de grupos sociais, até o presente, sub-representados nesta etapa da escolaridade. (PARECER CNE/CEB11/2000, p. 9)

Portanto, a EJA nesse contexto elementar partindo das suas mais variadas relevâncias caracteriza-se por sua instância de qualificação, além de evidenciar as potencialidades, habilidades e competências para a vida além escolar dos seus sujeitos, proporcionando assim um nível postular técnico e profissional considerado no cerne da atualização dos conhecimentos do tipo de escolarização e qualificadora.

É função da EJA não ser somente completar a escolaridade perdida, mas sim a papel reparador, qualificador e equalizador, o qual está elencado na base da legislação do Brasil o que está pautada: “As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos” ((PARECER CNE/CEB11/2000)

A EJA se dedicada àqueles que não tiveram chance ou assiduidade de estudos nos ensinos fundamentais e médios. Sendo assim, os seus grupos especificados indicam que em todas as idades e tempos da vida é possível formar, desenvolver e formar conhecimentos, capacidades, aptidões e importâncias que vão além dos lugares formais da escolaridade e conduzem a realização de si e o reconhecimento do outro como sujeito.

A educação oferecida aos indivíduos traz em si uma complexidade, e junto a ela muitas outras dificuldades que são categorizadas em suas aplicações. Por sua vez a Educação de Jovens e Adulta sendo parte de uma dinâmica nesse processo não categoriza a realização de todas as suas cobranças apontadas.

Contudo em sua conduta normativa conforme prescrito na Lei de Diretrizes e Bases (LDB) 9394/96, no artigo 32, declara que tanto a EJA quanto o ensino fundamental têm por cerne em suas políticas educacionais propor uma formação básica ao cidadão, conforme citação abaixo:

- I. Desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;
- II. a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade;
- III. o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista à aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores;
- IV. O fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social. O ensino médio, conforme a LDB, tem como finalidades:
 - I a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos;
 - II. A preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores;
 - III. O aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico; e prática. (BRASIL, 1996, p. 23)

Logo, a educação se caracteriza por ser um bem a ser dada por obrigatoriedade pelo Estado e promoção acessível à participação na vida do indivíduo. Portanto, a educação básica é parte fundamental na formação do sujeito.

3 FUNÇÕES DA EJA

Entende-se que o trabalho realizado através dessa modalidade EJA garante comunicação, elaboração e reconstrução de saberes que contribuem para dar condição humana, auxiliando na eliminação das discriminações e na busca de uma sociedade capitalista e excludente.

Quanto às finalidades de suas funções, a EJA tem dever de reparar aos jovens e adultos um direito negado a eles pelo Estado, como o acesso e domínio da escrita e leitura, além de bens sociais nas instituições de ensino de qualidade e o relacionamento que todos têm direitos sociais e oportunidades iguais.

A Educação de Jovens e Adultos apresenta-nos as seguintes funcionalidades de acordo com suas Diretrizes Curriculares: Função reparadora, equalizadora e qualificadora.

O autor Jamil Cury, relator do Parecer CNE/CEB 11/2000, aborda que essa modalidade tem o caráter reparador por garantir o direito negado a eles pelo Estado, como o acesso e a permanência, além do domínio da escrita e leitura como bens sociais. Uma forma de reparação que visa à equalização do acesso à modalidade e aos bens culturais produzidos socialmente. Nesse sentido, a reparação é mais que recuperar tempo perdido, mas de oportunizar o prosseguimento no processo de escolarização.

E que necessariamente se apresenta como modelo educacional, criadora de situações de fins pedagógicos para deferir as necessidades de aprendizagens específicas dos alunos da EJA.

3.1 Função Reparadora

A função reparadora constitui-se na restauração do direito a uma escola de qualidade, que contribua para conquista da cidadania e a inserção no mundo do trabalho por meio da aquisição das competências exigidas para isso.

Essa função significa: “não só a entrada no circuito dos direitos civis pela restauração de um direito negado: o direito a uma escola de qualidade, mas também o reconhecimento daquela igualdade ontológica de todos e qualquer ser humano”. (BRASIL, 2000, p. 7)

Essa função diz respeito a um direito negado: o letramento, uso da escrita; o qual foi tirado do cidadão em sua fase escolar correto, causando a esses sujeitos um julgamento precoce por parte da sociedade letrada, marginalizando-os por não terem acesso a esse bem

que é o domínio da escrita e leitura, tão relevante para atuação do ser humano na sua vivência e prática de entender a si mesmo e ao outro.

Conforme o Parecer CNE/CEB nº 11/2000, a EJA como direito, deverá ter o reconhecimento de sua especificidade como modelo de ensino com finalidades e funções específicas, bem como o direito a uma escola de qualidade, antes negadas.

Portanto nessa função, a EJA tende a buscar uma sociedade menos desigual, para tanto é necessário que este papel seja pensado com um modelo pedagógico próprio que satisfaça as necessidades de aprendizagem dos tais sujeitos.

3.2 Função Equalizadora

Quanto à função equalizadora tem o papel de uma reparação corretiva para o mundo do trabalho, possibilitando ao indivíduo retomar seu potencial desenvolvendo suas habilidades, confirmar competências adquiridas na educação, seja em espaços escolares ou não escolares e na própria vida, possibilitando um nível técnico e profissional mais qualificado ao cidadão para que o mesmo se coloque no mundo do trabalho.

A função equalizadora: “vai dar cobertura a trabalhadores e a tantos outros segmentos sociais... como uma reparação corretiva, ... possibilitando aos indivíduos novas inserções no mundo do trabalho”. (BRASIL, 2000, p. 9)

Essa ação procura suavizar as diferenças existentes na expectativa de corrigir os erros de julgamento que o sujeito sofre sendo excluído da sociedade por ser intitulado como pessoa incapaz de agir no meio social e garantir a permanência dos tais nos seus respectivos trabalhos, com o objetivo de acabar a exclusão.

3.3 Função Qualificadora

Em relação à função qualificadora, esta oferece a todos os indivíduos a atualização de conhecimentos por toda a vida. Ela é o próprio sentido da EJA. Afinal em sua conjuntura funcional ela é uma educação permanente baseado no caráter incompleto do indivíduo do tipo possível ao desenvolvimento e de adaptação, o qual pode se modernizar em quadros escolares ou não escolares.

A tarefa de propiciar a todos a atualização de conhecimentos por toda a vida é a função permanente da EJA que pode se chamar de qualificadora. Mais do que uma função, ela é o próprio sentido da EJA. Ela tem como base o caráter

incompleto do ser humano, cujo potencial de desenvolvimento e de adequação pode se atualizar em quadros escolares ou não escolares. (BRASIL, 2000, p. 11)

Diante do que fora citado acima se percebe os benefícios que esta função traz para a vida profissional desses cidadãos, como também na sua vida pessoal e social. Afinal em sua ação funcional ela é uma educação permanente com base no caráter incompleto do ser humano.

Dessa forma a exposição feita das funções da EJA nos textos apresentados compreendeu a relevância que essa modalidade tem de formar cidadãos críticos, reflexivos, atuantes como protagonistas na transformação da realidade no qual estão inseridos. Tornando-se pessoas capazes de exercerem a sua cidadania.

Nesse contexto de escolarização negada à classe trabalhadora nos últimos séculos os movimentos se apresentaram lutando por garantia pelos filhos e a si mesma o direito a educação escolar. Porquanto se compreende que a Educação de Jovens e Adultos é determinada historicamente pelo modo de produção capitalista. Por isso que as diferentes iniciativas voltadas para EJA ao longo da história é de ordem social capitalista com a premissa de atender as demandas do sistema, posição favorável aos interesses do capital internacional, em especial os Estados Unidos, de acordo com Veiga "A educação desempenhava importante papel na preparação adequada de recursos humanos necessários à incrementação do crescimento econômico e tecnológico da sociedade de acordo com a concepção economicista de educação". (VEIGA, 1989, p.34)

No Pós Segunda Guerra Mundial foi visto como propósito a apresentação de uma educação capaz de possibilitar e garantir a democracia.

A partir de agora, a educação não se define mais em relação a um conteúdo determinado que se trate de assimilar, mas concebe-se, na verdade, como um processo de ser que, através da diversidade de suas experiências, aprende a exprimir-se, a comunicar, a interrogar o mundo e a tornar-se sempre mais ele próprio. A ideia de que o homem é um ser inacabado e não pode realizar-se senão ao preço de uma aprendizagem constante, tem sólidos fundamentos não só na economia e na sociologia, mas também na evidência trazida pela investigação psicológica [...]. (UNESCO, 2000, p. 14- 15)

Segundo Oliveira, Moura e Silva (2012, p.403),

[...] o documento também traz os problemas socioeconômicos e socioculturais, trazendo uma enorme desilusão à população mundial, revelando dados drásticos sobre a miséria, o desemprego e a exclusão social. Mas o marco mais bonito do relatório são as belas palavras que nos diz que a educação deve ser ao longo da vida, que os povos devem ser solidários, que

é preciso ter tolerância e respeito mútuo, esses são valores essenciais para uma Educação digna e justa.

Nesse sentido é diferenciado no que tange a política, a realidade social, a educação centrada do consenso e da harmonia social, tornando a realidade social e natural como dada sem qualquer questionamento sobre as contradições.

Esses documentos: Delours e faure propostos pela UNESCO obscurecem de fato o debate político influenciando na agenda política de nações, como no Brasil. Dentre os teóricos a temática educação ao longo da via é visto por um lado como regresso e por outra atualização dos ideais da educação permanente. Para Canário (2003) a formação continuada tem um caráter de empregabilidade e adaptabilidade como resposta individual aos desafios da mundialização.

Na mesma perspectiva Lima (2002) destaca que a aprendizagem de competência para competir. Moraes (2006) por sua vez apresentam sua posição de que a nação de formação continuada atribui ênfase a formação profissional à sua capacidade de modernização e adaptação funcional a economia e ao mercado. Almeida (2007) destaca que a inexistência de uma ruptura radical e estrutural na sociedade atual, essas ideias progressistas substitui a vida humana ao capital.

E por fim Rodrigues (2011) enfatiza que a educação está pautada a perspectiva de projeto histórico disseminado pela UNESCO, construindo um sujeito pacífico e tolerante à política contemporânea de segurança mundial para o sistema capitalista. Porquanto muitos países e o Brasil foram de fato inseridos a essa política pedagógica criada, organizada e implantada como meios e formas de adequar-se perfeitamente a ordem e o tom da política internacional. Conforme a LDB Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional na Seção V da Educação de Jovens e Adultos em seu artigo 37 e incisos 1º, 2º e 3º, registram.

4 SUJEITOS DA EJA

Quanto ao perfil dos sujeitos da EJA são indivíduos que ingressam nas salas de aula com distorções de idade, ano escolar, visto que são pessoas que não tiveram oportunidades de frequentarem uma instituição educacional. E que buscam uma nova perspectiva de vida e melhoria na autoestima, visando ultrapassar os obstáculos existentes provocados por um sistema educacional capitalista e excludente. Assim podemos refletir junto com o autor acerca de quem são esses sujeitos da EJA:

São homens e mulheres, trabalhadores/as empregados/as e desempregados/as ou em busca do primeiro emprego; filhos, pais e mães; moradores urbanos de periferias e moradores rurais. São sujeitos sociais e culturalmente marginalizados nas esferas socioeconômicas e educacionais, privados do acesso à cultura letrada e aos bens culturais e sociais, comprometendo uma participação mais ativa no mundo do trabalho, da política e da cultura. Vivem no mundo urbano, industrializado, burocratizado e escolarizado, em geral trabalhando em ocupações não qualificadas. Portanto, trazem consigo o histórico da exclusão social. São, ainda, excluídos do sistema de ensino, e apresentam em geral um tempo maior de escolaridade devido a repetências acumuladas e interrupções na vida escolar. Muitos nunca foram à escola ou dela tiveram que se afastar, quando crianças, em função da entrada precoce no mercado de trabalho, ou mesmo por falta de escolas. (PAIVA, 1983, p. 19)

Em geral o público atendido pela EJA é diversificado; adolescentes que não conseguiram acompanhar o ensino regular por motivo de reprovações contínuas e desistências, jovens que cumprem medidas sócias educativas, desempregados, indivíduos que trabalham, mas que precisam de um certificado para manter o emprego ou subir de função, donas de casa que desejam trabalhar em empresas para ajudar na renda familiar.

Além de outros buscarem através do domínio da leitura ser mais participativos e críticos na sociedade. Os alunos da EJA têm experiência de vida, e, portanto, traz consigo conhecimentos que contribuem para a aprendizagem.

É sabido que diversos são os fatores que ocasionam o retorno desses sujeitos à escola, além dos citados acima, há também os interesses quanto à tecnologia e a economia, elementos que estão constantes na mudança no mercado de trabalho o que tem motivado com que as pessoas sintam obrigação de retornar à sala de aula para melhorar seus conhecimentos e dar prosseguimento aos estudos.

Diante desses dilemas convém que os governantes devam implantar políticas inteiradas para essa modalidade. Conforme, Oliveira (2008, p.145): “É preciso que a escola tenha claro quem são os jovens e adultos que procuram a escola e quais as suas expectativas, bem como

que sujeitos e sociedade ela quer ajudar a construir, para assim definir objetivos, metodologias que atendam aos interesses desses alunos”.

Segundo argumenta Arroyo em seu livro: *Educação de Jovens e Adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública* destaca que: “por décadas, o olhar escolar os enxergou apenas em suas trajetórias escolares truncadas...”. (ARROYO, 2005, p. 23). As quais nos são tão conhecidas, como: reprovação evasão, problemas com frequência, aprendizagem, não concluinte. O autor nos afirma que: “com esse olhar sobre esses jovens-adultos, não avançaremos na reconfiguração da EJA” (ARROYO, 2005, p. 23)

Para ele o sujeito da Educação de Jovens e Adultos não está atrelado apenas na questão das “carências e lacunas no percurso escolar”. (ARROYO, 2005, p. 23). Para tanto o autor nos convida a olharmos por outro ângulo esse jovem-adulto de forma diferenciada e positiva como protagonistas sujeitos participantes em lutas sociais pela garantia de seus direitos.

Cita Arroyo (2005, p. 25):

Esses jovens-adultos protagonizam trajetórias de humanização. Consequentemente devemos ver não apenas pelas carências sociais, nem sequer pelas carências de um percurso escolar bem-sucedido. Uma característica do olhar da historiografia e sociologia é mostrar-nos como os jovens se revelam protagonistas nas sociedades modernas, nos movimentos sociais do campo ou das cidades.

Esses jovens, ainda que atrasados em sua escolaridade tenham atuado na sociedade, por meio de movimentos sociais existentes que tem impulsionados esses sujeitos a buscar seus direitos na educação e seu reconhecimento na sociedade. Arroyo, historicamente argumenta que os sujeitos da EJA: “São os mesmos: pobres, desempregados, na economia informal, negros e tantos outros nos limites da sobrevivência...” (ARROYO, 2005, p. 29)

São sujeitos excluídos das escolas que carregam trajetória perversa de exclusão social. São jovens e adultos que fazem dos mesmos, coletivo social, racial, étnico e cultural. Uma diversidade de comportamentos e conhecimentos de vivências que precisam ser alcançados através de métodos educacionais eficientes e específicos para esse público protagonista; com a proposta de garantir direito educacional e social que outrora foi negado a esses sujeitos.

Nessa realidade é preciso que o professor valorize os conhecimentos trazidos pelos alunos para sala de aula. Observando assim suas particularidades e experiências respeitando seus limites e tempo, despertando no aluno confiança em si mesmo e na sua capacidade de transpor limites.

5 METODOLOGIAS E PRÁTICAS DA EJA

Peranteo exposto analisaremos as metodologias diferenciadas que enfatiza um ensino-aprendizagem voltado especificamente para os alunos dessa modalidade, a EJA suas especificidades com um olhar de compreendê-lo para buscar junto às experiências desses alunos uma metodologia que não o infantilizasse. Oliveira (2007, p. 88) destaca que:

Esse é, possivelmente, um dos principais problemas que se apresentam ao trabalho na EJA. Não importando a idade dos alunos, a organização dos conteúdos a serem trabalhados e os modos privilegiados de abordagem dos mesmos seguem as propostas desenvolvidas para as crianças do ensino regular. Os problemas com a linguagem utilizada pelo professorado com a infantilização de pessoas que, se não puderam ir à escola, tiveram e têm uma vida rica em aprendizagens que mereciam maior atenção, são muitos.

Como pode perceber nesta afirmação do autor é de suma importância organizar os conteúdos a ser trabalhado de maneira metodológica diferenciada para os alunos da EJA, e assim evitarmos usar as mesmas usadas para crianças,

Sabendo-se que o adulto possui conhecimentos diferenciados das crianças, bem como não ser adequado usar os mesmos métodos, recursos e prática, afinal estes devem ser compatíveis a idade correspondente ao aluno da EJA, para que o mesmo não se sinta infantilizado nas suas práticas discente durante o processo de ensino-aprendizagem.

O professor deve estar consciente que para haver transformação da prática, é importante fazer algumas considerações, isto é, uma metodologia mais adequada para um grupo que traz consigo histórias e experiências de vida.

Porquanto falar sobre metodologia nos remete a responsabilidade de citarmos que ao longo da história ela vem passando por mudanças com o propósito de encontrar a maneira melhor de ensinar. Diante disso surge questão: o que é metodologia?

Metodologia é uma palavra derivada de “método”, do Latim “methodus” cujo significado é “caminho ou a via para a realização de algo”. Método é o processo para se atingir um determinado fim ou para se chegar ao conhecimento. Metodologia é o campo em que se estudam os melhores métodos praticados em determinada área para a produção do conhecimento (OLIVEIRA, 2007, p. 47 e 48).

A metodologia de ensino é uma expressão que teve a tendência de substituir a expressão “didática”, que ganhou uma conotação pejorativa por causa do caráter formal e abstrato dos seus esquemas que não estão bem inseridos em uma verdadeira ação pedagógica.

Assim, a metodologia de ensino é a parte da pedagogia que se ocupa diretamente da organização da aprendizagem dos alunos e do seu controle.

Partindo, então dos conceitos citados acima me ponho a pensar nos discentes da EJA, sabendo que a metodologia de ensino é a parte da pedagogia que se ocupa diretamente da organização da aprendizagem, ela é a via para se chegar à produção de um determinado conhecimento.

Diante do exposto, pergunta-se que tipo de metodologia está sendo utilizada nas salas da Educação de Jovens e Adultos? Será que os adultos devem passar por práticas metodológicas que são as mesmas utilizadas para crianças? Pois se faz necessário levar em consideração que os educandos da modalidade possuem experiências e histórias de vida, para tanto é parecido compreender que tipo de proposta metodológica está sendo aplicada. Assim, segundo Oliveira (2007, p. 88): “Alguns dos problemas que enfrentamos nas escolas e classes decorrem exatamente dessa organização curricular que separa a pessoa que vive e aprende no mundo daquela que deve aprender e aprender os conteúdos escolares”.

O docente ao ensinar um aluno da Educação de Jovens e Adultos deve ter a consciência de um novo paradigma para metodologia que será usada como também os recursos, não esquecendo que neste processo ensino-aprendizagem ambos trocarão conhecimentos já existentes e novos. O professor não estará no papel apenas de transmissor, mas de mediador do conhecimento.

Entretanto o que vemos na EJA são alunos praticando apenas repetições de palavras e conteúdo que fogem da sua realidade; tornando simples réplicas sem nenhuma compreensão ou reflexão crítica objetivando agregar valores que contribua para sua atuação na sociedade que está inserido. Diante disso podemos observar a fala do autor Oliveira (2007) quanto a orientação de maneira sensata de trabalhar com esses discentes:

Considerando a singularidade das conexões que cada um estabelece, em função de suas experiências e saberes anteriores e, também a multiplicidade de conexões possíveis, ao faz sentido pressupor um trajeto único e obrigatório para todos os sujeitos em seus processos de aprendizagem. Cada um tem uma forma própria e singular de tecer conhecimentos através dos modos como contribui sentido às informações recebidas, estabelecendo conexões entre os fios e tecituras anteriores e os novos. Esse entendimento coloca novas exigências àqueles que pretendem formular propostas curriculares que possam dialogar com os saberes, valores, crenças e experiências dos educados, considerando-os como fios presentes nas redes dos grupos sociais, das escolas/classes, dos professores e dos alunos e, portanto, relevantes para a ação pedagógica. (OLIVEIRA, 2007, p. 87)

Todos são capazes de aprender mesmo na fase adulta, através de uma educação diferenciada, só basta serem incentivados com recurso e metodologias adequadas, voltadas para um público que já tem histórias e experiências, seja ele da zona urbana ou na zona rural. Esse adulto segundo Oliveira (1999):

Traz consigo uma história mais longa (e provavelmente mais complexa) de experiências, conhecimentos acumulados e reflexões sobre o mundo externo, sobre si mesmo e sobre as outras pessoas, com relação a inserção em situações de aprendizagem, essas peculiaridades da etapa de vida em que se encontra o adulto faz com que ele encontra o adulto faz. Com que ele traga consigo diferentes habilidades (em comparação à criança) e, provavelmente maior capacidade de reflexão sobre o conhecimento e sobre seus próprios processos de aprendizagem. (OLIVEIRA, 1997, p. 03)

O que motiva esse público que frequenta as salas de aula dessa modalidade a aprender são as suas experiências vivenciadas, as necessidades e interesses as quais constitui o recurso mais rico nas práticas da sua aprendizagem. E essas se diferem das metodologias infantilizadas aplicadas nas salas das instituições de ensino as quais correspondem aos anos iniciais, onde o aprendizado do jovem e adulto se diferencia. No entanto aplicam-se os mesmos métodos que se ensinam as crianças, na expectativa que esses discentes tenham a mesma facilidade de aprender.

Na realidade não é a perda da capacidade de aprender do jovem e adulto, mas a forma diferente de aprender, portanto a sensibilidade do professor é algo de suma importância no sentido de perceber e respeitar o ritmo de cada aluno, seus limites e tempo relacionado ao ensino-aprendizagem, despertando o aluno confiança em si mesmo e na sua capacidade de transpor limites.

Entende-se que os métodos utilizados na alfabetização de jovens e adultos devem ser diversificados, de acordo com a especificidade de cada um. O docente deve estar atento a isso para não cometer o erro que tem passado adiante na história da educação, onde a metodologia usada era a mesma em qualquer instituição de ensino independente do lugar. Então nos questionamos: como ensinar? Que método poderia ser realizado? Essas perguntas serão refletidas com base no livro: “Pedagogia da Autonomia” do autor Paulo Freire.

5.1 Metodologias e Práticas na Perspectiva de Paulo Freire

Em seu livro: “Pedagogia da autonomia” o autor Freire critica o modelo de ensino tradicional baseado em negar a autonomia do educando no ato de estabelecer métodos e práticas que transfere conhecimento do docente para o discente.

Em oposição a esse ensino “bancário” Freire (1996) recomenda a pensar, em práticas educativas de maneira plural, alcançando o sujeito em uma perspectiva socioeconômica e socioemocional, de forma dialética o sentido de contribuir no processo da construção e transformação da realidade do sujeito, propiciando assim discentes a partir dos temas trabalhados que remetem a realidade do aluno, e de tudo que o cerca e afeta, onde o docente utiliza-se desses conhecimentos e vivências do educando, para discutir com aprofundamento.

Para o autor isso ocorre:

Por que não aproveitar as experiências que têm os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem-estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde das gentes. Por que não há lixões nos corações dos bairros ricos e mesmo puramente remediados dos centros urbanos? (FREIRE, 1996, p. 15)

Em suma práxis educativas é dever de o professor usar métodos que instigue a capacidade crítica do aluno e suas curiosidades, para tanto se deve considerar uma metodologia mais adequada levando o aluno da EJA a um envolvimento mais abrangente nas atividades propostas, respeitando suas individualidades, sua história de vida. É preciso analisar metodologias e práticas que incentivem os educandos a serem sujeitos de sua aprendizagem não esquecendo suas peculiaridades e experiências. Sobre isso Freire afirma:

Não é possível respeito aos educandos, à sua dignidade, a seu ser formando-se a sua identidade fazendo-se, se não se levam em consideração às condições em que eles vêm existindo, se não se reconhece a importância dos “conhecimentos de experiências feitos” com que chegam a escola. O respeito devido à dignidade do educando não me permite subestimar, por ainda, zombar do saber que ele traz consigo para a escola. (FREIRE, 1996, p. 37)

Segundo a proposta metodológica de Freire (1996) a Educação de Jovens e Adultos deve partir sempre da realidade dos alunos, as problemáticas do seu dia a dia e de como superá-las. Contrária a metodologia praticada na educação bancária onde os conteúdos são meramente científicos, isto é, em função da homogeneização e da padronização. Com isso causam uma evasão escolar, afirma o autor:

Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados e depósitos que os educados, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção “bancária” da Educação, em que a única margem aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los. (FREIRE, 2005, p.66)

Deste modo é necessário aos docentes promover a permanência desses sujeitos no espaço escolar, no sentido de contribuir no processo da sua realidade propiciando assim o direito a educação básica na defesa do respeito à diversidade. Nessa perspectiva Freire indica uma práxis educativa partindo de palavras geradoras ou temas geradores significativos de maneira reflexiva como ponte de partida para o diálogo ente docente e discente como forma de promover restabelecer uma nova proposta pedagógica onde a aquisição de conhecimento e aprendizagem ocorra tanto para o docente quanto para o discente. Destaca o autor:

Sou tão melhor professor, então, quanto mais eficazmente consiga provocar o educando no sentido de que prepare ou refine sua curiosidade, que deve trabalhar com minha ajuda, com vista que produza sua inteligência do objeto ou do conteúdo de que falo. Na verdade, meu papel como professor, ao ensinar o conteúdo a ou b, não é apenas o de me escorçar para, com clareza máxima descrever a substantividade do conteúdo para que o aluno o fixe. Meu papel fundamental, ao falar com clareza sobre o objeto, é incitar o aluno a fim de que ele, com os materiais que ofereço, produza a compreensão do objeto em lugar de recebê-la na íntegra, de mim. Ele precisa se apropriar da inteligência do conteúdo para que a verdadeira relação de comunicação entre mim, como professor, e ele, como aluno se estabeleça. É por isso repito, que ensinar não transferir conteúdo a ninguém, assim como aprender não é memorizar o perfil do conteúdo transferido no discurso vertical do professor. Ensinar e aprender tem que ver com o esforço metodicamente crítico do professor e desvelar a compreensão de algo e com o empenho igualmente crítico do aluno de ir entrando como sujeito em aprendizagem, no processo de desvelamento que o professor ou professora deve deflagrar. Isso não tem nada que ver com a transferência de conteúdo e falada dificuldade, mas, ao mesmo tempo, da boniteza da docência e da discência. (FREIRE, 1996, p. 45)

Assim sendo, o discente deixa de ser passivo, para tornar-se sujeito crítico-reflexivo exercendo participação no processo de construção de se como pessoa, que exerce importância no meio em que vive, aprendendo a respeitar e valorizar seu espaço de forma emancipatória e libertadora.

6 AS ANÁLISES DOS RELATÓRIOS DE ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS

O estágio é uma prática de aprendizado por meio do exercício de funções referentes à profissão que será exercida no futuro e que acrescenta conhecimentos práticos aos teóricos aprendidos no curso de pedagogia. Portanto o estágio nos auxilia a desenvolver atividades que possibilitam o conhecimento, análise e reflexão do trabalho docente das ações nas instituições visitadas, gerando no futuro, profissionais habilitados de desenvolver e saber lançar mão adequadamente das técnicas conforme as diversas e diferentes situações em que o ensino ocorre criando novas técnicas. Consciente que esta prática social, é uma maneira de intervir na realidade social por meio da educação.

Logo afirmamos que o estágio os auxilia a construirmos caminhos na área profissional de maneira significativa, compreendendo e problematizando as situações, obtendo um olhar crítico-reflexivo. Corroborando com as reflexões trazidas durante esta experiência, Pimenta e Lima (2009, p. 112) nos dizem: “A identidade se constrói com base nos confrontos entre as teorias e práticas, na análise sistemática das práticas à luz das teorias, na elaboração de teorias, o que permitem caracterizar o estágio como um espaço de mediação reflexiva ente a universidade, a escola e a sociedade”.

O acadêmico, estagiário durante sua permanência na escola em que realizará o seu estágio constata como é o espaço escolar, como ocorre entre educador e educando. Portanto a realização do estágio supervisionado estabelece uma experiência importante, fato que contribuirá para a realização de um trabalho cada vez e com mais consciência.

Salientamos também que o estágio supervisionado tem sua importância no que se refere a oportunizar experiências profissionais aos acadêmicos na busca da prática de ensino e outras técnicas aplicadas ao dia a dia, permitindo uma análise mais profunda levando o docente a compreender a relação entre a teoria estudada no curso e a prática pedagógica, observando as contradições existentes. Por meio dessas descobertas é possível compreender a necessidade de buscar novos conhecimentos.

Essa análise reflexiva que ocorre durante o estágio contribui para a formação profissional e construção da identidade como professor. Sendo assim estágio supervisionado é de suma importância porque essa prática vai além de um aprendizado individual é uma oportunidade de intervenção a realidade educacional por parte do docente, fazendo seu futuro espaço de trabalho um lugar de transformação, levando-o a fazer uma reflexão sobre a sua formação e sua ação como agente de mudanças no meio que está inserido, isto é, na escola e na sociedade.

O estágio supervisionado dá a noção de que o futuro profissional irá encarar no seu cotidiano, aprendendo a lidar com as contingências diárias e conseguir atingir seu objetivo maior, promover ensino-aprendizagem. E isso se faz necessário tendo em vista que a sociedade passa por constantes transformações na maneira de agir, pensar e sentir das novas gerações e os educadores necessitam estar em constante transformação também.

Afinal estamos vivendo atualmente em uma sociedade do conhecimento, e tudo isso, demanda um profissional da educação diferente, com uma prática reflexiva. Dessa forma podemos entender a importância desta construção profissional onde se vivencia um confronto entre teoria e prática na busca da construção do sujeito, professor, assim como a observação dessa relação como enriquecedora para um bem maior que é a própria sociedade que usufrui dos frutos individuais nesta junção coletiva.

Como resultado do estudo em questão, foi proposta a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso, TCC, desenvolvido a partir dos dados observados no estágio supervisionado na Educação de Jovens e Adultos, EJA, aqui apresentado.

Portanto as regências basearam-se na rotina dos educandos observados. E ao final do estágio fomos avaliados pela professora da disciplina de estágio supervisionado.

Para o andamento da pesquisa a disciplina de estágio foi dividida em três momentos que se completavam embasando assim os alunos que dela participavam.

O primeiro momento foi o de conhecermos a escola, onde realizaríamos o estágio, para isto observamos as dependências e funcionamento da escola, conhecemos seus componentes, e assim, fechamos os acordos com a professora sobre que aconteceria durante o estágio.

No segundo momento observamos a rotina da sala de aula, para familiarizar com os alunos, conhecendo as práticas pedagógicas do professor e os conteúdos que estavam sendo trabalhados por eles naquele momento.

Para o terceiro momento dividiu-se este em dois pontos, um que consistia na elaboração do planejamento e outros que tratava de sua execução em sala de aula. Este último ponto foi observado pela professora supervisora e pela professora da disciplina de estágio para efeito de acompanhamento e avaliação.

Desta forma tivemos uma visão geral de como seria preparada nossas regências, observando principalmente a visão de mundo dos alunos dessa modalidade em questão.

6.1 Os Estágios Supervisionados na EJA

Diante da realidade educacional e suas diversas complexidade, busco apresentar a oportunidade obtida em visitas de estágios supervisionados. Os registros de fatos que marcaram os estágios: II, no período 2017.2; III, no período 2018.2 e o IV, no período 2019.1, percebida pela observação e informações adquiridas pela comunidade escolar relacionados aos dados de identificação da instituição de ensino nos aspectos administrativos e funcionais da mesma.

Após a coleta de dados estes foram analisadas à luz do referencial teórico discutido. Para uma melhor compreensão do aspecto físico e o andamento escolar foi realizada uma visita nos compartimentos existentes do ambiente escolar.

Atualmente a escola conta com um total de 82 funcionários, incluindo efetivos e prestadores. Neste quadro estão contidos os professores, especialistas em educação, agente administrativo, serviço de segurança e de apoio. A instituição funciona nos três turnos e atende Ensino Fundamental I, II; Ensino Médio e EJA.

O espaço físico da escola é subdividido em 10 salas de aulas, 1 sala de informática, 1 sala de atendimento ao professor, 1 diretoria, 1 secretária, 1 sala para atendimento de alunos especiais, 2 banheiros para alunos e 1 banheiro para funcionários, 1 biblioteca, 1 cantina.

O corpo técnico da escola é formado por diretores e orientadores pedagógicos. O apoio financeiro se dá através do Programa de Dinheiro Direto na Escola (PDDE) verba oriunda do governo federal.

A escola conta também com programas gerenciados pelo governo federal como Mais Educação, Mais Alfabetização, Qualiescola, Alfabetização na Idade Certa. Há também parcerias com Programas que são utilizados como ferramenta pedagógica para despertar o interesse do discente pelo gosto e desenvolvimento da leitura, escrita, raciocínio lógico e formação cidadã, Programa Saberes da Infância (PSI), Educação relacional – Liga pela paz, um por todos – Formação cidadã, Prevenção às drogas (PROERD).

É oferecido oficinas em dança, judô, contribuindo através do esporte, lazer e cultura para um crescimento sadio. A instituição participante oferece não só ensino, mas merenda, materiais didáticos e fardamento. São realizadas reuniões com as famílias por bimestre, objetivando uma maior aproximação entre família e escola, para informá-los sobre a vida escolar do discente.

O planejamento é realizado quinzenalmente por turno e acompanhado pela equipe técnica da escola. A instituição realiza formação para professores sempre que necessário

como também enfatiza a importância da participação do professor nas formações reuniões gerenciadas pela 1º Regional de Ensino. As atividades realizadas na escola são direcionadas aos alunos matriculados na instituição e suas respectivas famílias.

Salientamos também o trabalho realizado na questão que envolve inclusão de alunos portadores de patologias que dificultam a interação social e a aprendizagem de ensinamentos pedagógicos sistematizados. Os alunos recebem as orientações da professora da sala e de uma professora devidamente preparada para atender as necessidades mediante apresentação de laudo médico.

A instituição segue o calendário da Primeira Regional para as devidas avaliações (SEC), avaliação da Mais Educação, avaliação fluência em leitura, avaliação bimestrais elaboradas pela escola e acompanhamento dos projetos desenvolvidos na sala. O estágio supervisionado, realizado por mim ocorreu na sala do ciclo II da Educação de Jovens e Adultos (EJA), durante turno da noite.

Durante o período de observação e regência, percebemos algumas questões aos quais consideramos relevantes em relação aos alunos da educação de jovens e adultos EJA. Foi observado que mais de setenta por cento (70%) dos alunos matriculados nessa modalidade EJA evade-se da escola durante o ano letivo permanecendo apenas algum que durante o decorrer das aulas não demonstram interesse em participar ativamente do processo de ensino-aprendizagem. Percebe-se que dos vinte discentes matriculados na EJA apenas com o interesse em conquistar a carteira de estudante, ao receberem evadem-se.

Essa evasão ocorre logo após o início do segundo semestre, ficando apenas de dez a doze discentes, que já retornam desmotivados em concluir o ano letivo por vários problemas que os próprios discentes nos relataram, entre eles o cansaço de um dia de trabalho e a desmotivação em está em sala de aula, onde a professora embora tenha um bom relacionamento com os alunos, continua ministrando as aulas sem nenhum diferencial que as enriqueçam.

Embora a escola possua recursos e materiais para enriquecer as aulas, a professora apenas utiliza o livro didático. Salientamos também que embora a escola tenha biblioteca que pode auxiliar o ensino aprendizagem na disciplina de matemática não é disponível aos alunos noturnos para pesquisas, mantendo-a fechada. Quando é necessário o uso de algum livro, apenas o professor tem acesso, ou seja, a biblioteca não é utilizada para atender as necessidades dos alunos em relação às práticas pedagógicas.

Além das necessidades pedagógicas nos deparamos também com os problemas existentes na vida pessoal dos discentes que enfrentam falta de estímulo para estarem todos os dias em sala por apresentarem cansaço físico e mental depois de uma jornada de trabalho. Outro problema apresentado concentra-se entre as mulheres (alunas) que enfrentam empecilhos por parte de conjugue que impedem que muitas voltem a estudar atribuindo perda de tempo na idade que se encontram. Diante dessas problemáticas foi inevitável não discutirmos esses temas (cansaço físico e idade certa para estudar) junto aos discentes.

Nessa perspectiva observamos que para aliviarmos as tensões que envolvem o discente os prejudica na motivação de estarem em sala seria necessária uma metodologia diferenciada com estratégias motivadoras para os respectivos alunos dessa modalidade seja atraída a permanecerem e retornarem à sala de aula.

6.2 O estágio supervisionado II

O estágio supervisionado II realizado em 2017.2, no período de 09/03 a 07/05. Foram selecionadas as aulas dos dias: 23 e 29 de março 2017.2 pela relevância de analisar alguns procedimentos realizados pela docente da EJA em sala de aula.

Durante as aulas foram usadas as mesmas metodologias e os mesmos recursos na apresentação dos conteúdos tornando a aula cansativa com pouca participação, alunos desmotivados e sala vazia.

Por algumas vezes, a aula nos pareceu estar sendo improvisada, aparentando falta de planejamento. E na forma de ensinar esses adultos, Giubilei (1993, p. 77) me fez refletir que: “Todo trabalho escolar envolve o adulto pode ser mais bem desenvolvido quando o professor toma conhecimento das características que o define, o que pode diminuir a ansiedade do professor e do aluno durante o processo ensino-aprendizagem”.

Refletir a metodologia usada nessa modalidade é de grande relevância, pois a partir da reflexão pode-se concluir se houve uma metodologia adequada aos alunos, assim a aprendizagem ocorrerá de maneira prazerosa.

No terceiro dia demos início ao período de observação. A docente ao chegar à sala, antes de iniciar as aulas manteve um diálogo com os alunos, ainda que um pouco reservado. Após esse momento foi pedido aos alunos o trabalho realizado em casa para nota, cujo tema foi “água”, nem todos os alunos trouxeram o trabalho, demonstrando pouco interesse.

As atividades propostas pela professora aos alunos foram ditadas do texto “A formiga a Cigarra”, em seguida ela fez a correção no quadro. Muitos apresentaram dificuldades na

escrita e organização do texto. A partir do texto foi trabalhada separação silábica e tonicidade das palavras, os quais não demonstraram domínio precisando ser auxiliados pela docente e estagiária.

Em outro momento os alunos deveriam escolher algumas palavras da atividade anterior e formar frases. Durante essa aula alguns alunos sentiram dificuldades em realizá-las, ficando para trás na conclusão da atividade em relação aos demais alunos.

No quarto dia de observação foi trabalhado com os alunos um texto sobre “Como conservar o planeta terra”. A professora leu o texto para os alunos os quais tinham que responder algumas perguntas relacionadas ao texto. E com base no texto xerocado e distribuído em sala, foi trabalhada formação de frases, separação silábica, alfabeto e por fim produção de texto com o tema: “Preservação do meio ambiente”.

Nesse mesmo dia as atividades propostas foram realizadas individualmente com o propósito avaliativo em relação ao aprendizado do discente.

Durante a execução da atividade a professora auxiliava os alunos que apresentavam mais dificuldades. Nesse momento a professora me pediu auxílio entre os que não tinham domínio na escrita e nem na leitura. À medida que fui ajudando aos alunos percebi que até os que tinham autonomia na leitura estavam encontrando dificuldade em compreender a atividade proposta.

Tal dificuldade fora devido às palavras contidas no texto, eram desconhecidas e uma produção de texto para quem não tem domínio nos grafemas e fonemas não deveria ser considerada um exercício avaliativo. Assim muitos entregaram a avaliação sem conseguir ao menos escrever uma frase, dessa forma nos orienta Freire (1978, p. 68) “A prática de pensar a prática é a melhor maneira de aprender a pensar certo. O pensamento que ilumina a prática é por prática que ilumina o pensamento é por ele iluminado”.

Desta forma Freire nos fala que a prática de pensar consiste na melhor maneira de aprender a pensar reflexivamente. É preciso haver um diálogo entre teoria e a prática para construir um novo aprendizado metodológico.

6.3 O estágio supervisionado II

No Estágio Supervisionado III realizado em 2018.2, no período de 14/08 a 02/10. Foram selecionadas as aulas dos dias: 13 e 19 de outubro pela relevância de analisar alguns procedimentos realizados pela docente da EJA em sala de aula na disciplina de matemática.

A metodologia de ensino aplicada em sala na maioria das vezes é de forma tradicional, com aulas dialogadas, geralmente com livro e quadro branco. As atividades são realizadas com leituras de textos variados na maioria das vezes com o livro do aluno. Ao perceber que o aluno não consegue realizar a atividade proposto a professora procurar direcionar sua atenção mais para esse, ajudando-o na realização da mesma.

Conforme a docente argumentou que: “os conteúdos mais difíceis de ministrarsão os que envolvem as quatro operações da matemática, visto que é difícil para eles compreenderem, e na língua Portuguesa são as leituras textuais. Os conteúdos mais fáceis de serem ministrados são os que envolvem os conteúdos das disciplinas de Geografia e História, eles gostam bastante”.

Fala da docente da EJA de uma Escola Pública Estadual que prosseguiu em seu depoimento dizendo:

-“Envolver todos os alunos nas aulas é um desafio tendo em vista que nem todos se encontram no mesmo nível de aprendizado. Por isso sonho com uma escola ideal, com alunos interessados em adquirir conhecimento. Para mim a escola ideal seria uma escola que os discentes e docentes fossem respeitados como cidadãos que necessitam de um espaço escolar voltado para despertar o interesse e envolvimento dos tais”.

Então diante do que foi argumentado pela docente pude constatar na prática em sala de aula por meio das tarefas “realizadas” as dificuldades experimentadas pelos alunos, confirmando de fato a fala da professora. Por essa razão selecionei essas aulas com a finalidade de mostrar a importância dos jogos no ensino da matemática, para Fonseca (2012, p. 32), “quando esta sinaliza que a “causa” de evasão se refere mais às práticas pedagógicas dos professores do que a Matemática em si”.

As aulas escolhidas para esse registro foram as dos dias 13/09/2018, aula iniciada com a vivência do jogo Tabuleiro da Multiplicação que possibilita explorar as operações da multiplicação, adição e escrita dos números naturais por extenso. A turma foi dividida a turma em dupla. Cada dupla possuía uma ficha do tabuleiro, lápis de cores diferentes e dois dados. Os alunos ao jogarem os dados multiplicavam os números obtidos.

Em seguida, localizava no tabuleiro o resultado da multiplicação e pintam o resultado com sua cor escolhida. Quando o jogo completou (número de rodadas) os participantes somam suas cores e preenchem a tabela. Ganha o jogo quem tiver a maior pontuação. No final do jogo foi discutido com a turma: É possível fazermos a multiplicação mentalmente? Encontraram alguma dificuldade durante o jogo? Qual foi o número que você sentiu mais

dificuldade em multiplicar? Que operação você usou para chegar ao resultado? Alguns alunos responderam que sentiram dificuldade, mas que usando o meio de encontrar o resultado através da soma de parcelas iguais foi mais fácil. Em outro momento foi proposto aos alunos para preencher a ficha, concluindo a atividade, envolvendo procedimentos de cálculo e escrita por extenso dos resultados, registrando no caderno.

Tabuleiro de Multiplicação						Cartela de pontos			
2	8	25	15	6	4	Aluno	Aluno	Aluno	Aluno
1	12	4	3	24	6	Pontos	Pontos	Pontos	Pontos
30	10	18	16	6	15	QUANTOS PONTOS VOCÊ FEZ? _____			
6	2	12	36	20	12	QUEM FEZ MAIS PONTOS? _____			
3	20	30	8	5	24	QUEM FEZ MENOS PONTOS? _____			
5	18	4	10	10	9	ESCREVA POR EXTENSO O TOTAL DE PONTOS DE CADA JOGADOR:			
						1. _____			
						2. _____			
						3. _____			
						4. _____			

E do dia 18/09/2018, aula explicativa, expositiva e dialogada a partir da compreensão dos alunos em relação às aulas passadas (revisão). Após a revisão das tabuadas estudadas foi proposto aos alunos um desafio. Em duplas os estudantes teriam que elaborar três problemas usando a operação estudada. Durante a construção dos problemas os alunos receberam auxílio da professora na formação do texto.

Concluída a atividade, com a ajuda da professora cada aluno foi convidado a ir ao quadro para registrar nele o que realizaram no caderno. Toda a atividade foi supervisionada pela docente.

Exemplo de problema: 1. Fui à feira comprei 12 bananas. Depois voltei e comprei mais 12. Fiquei com quantas bananas? $12 + 12 = 24$ ou $12 \times 2 = 24$.

Quanto à atividade da multiplicação ocorreu com explicação da professora que utilizou a tabuada de número 2. Essa tabuada foi exposta no quadro negro, e feita pelos alunos com o auxílio da docente.

6.4 O estágio supervisionado IV

O Estágio Supervisionado IV realizado em 2019.1, no período de 13/03 a 17/04. As aulas selecionadas foram dos dias: 21 e 22 de março 2019.1.

O estágio supervisionado, realizado por mim ocorreu na sala do Ciclo II da EJA, durante turno da noite, nos dias das disciplinas de Geografia, Ciências e História (quartas, quintas e sextas-feiras) no primeiro horário.

A importância da escolha das aulas foi fundamental por se tratar de uma temática que abrangeu não somente a disciplina de geografia, mas também da História e da Ciência e tantas outras. Permitindo-nos automaticamente fazermos uma interdisciplinaridade do conteúdo abordado: O Bairro. Nesse sentido, Lück (2000): “destaca que a interdisciplinaridade possibilita a integração e interação entre diferentes disciplinas curriculares”.

O que levou uma aceitação por parte de todos os alunos no processo de ensino-aprendizagem. Por esse motivo selecionei essas aulas devido à metodologia utilizada pela professora de forma dinâmica agregando os conhecimentos dos alunos junto ao científico.

A primeira aula foi realizada em 21/03 e no primeiro momento foi realizada uma aula explicativa dialogada com a partir dos conhecimentos prévios dos alunos através dos questionamentos levantados pelo professor durante a discussão.

- a) Vocês sabem a história do bairro?
- b) Vocês trabalham no bairro?
- c) Vocês gostam do bairro que moram?
- d) Vocês conhecem a história da fundação do bairro?

Após esse momento pergunte quais atividades os alunos realizam no bairro onde moram e para quais atividades diárias ou semanais precisam se deslocar do bairro para praticá-las. Em seguida devem preencher a ficha abaixo.

O Bairro

Atividades realizadas no bairro onde mora	Atividades realizadas em outro bairro
---	---------------------------------------

No segundo momento a dinâmica seguiu em dupla: entrevistando o colega.

Após socializar as respostas, os alunos em dupla deverão fazer entrevistas com os colegas e registrar no caderno de geografia.

Entrevista

Nome do entrevistado _____

- a) Há quanto tempo você vive em seu bairro?

- b) Você gosta de viver em seu bairro?
- c) O que você mais gosta no seu bairro?
- d) O que você acha ruim no seu bairro?
- e) O que você acha que falta no seu bairro?
- f) O que você mudaria no seu bairro?

Feito isso será feita uma roda de conversa e socializar as respostas dos grupos.

A segunda aula realizada no dia 22/03 iniciou em o primeiro momento a partir do que foi discutido na aula passada. Feito isso foi proposto aos alunos à realização da construção de um mural sobre o bairro a partir das descobertas feitas por eles através de um roteiro para possíveis descobertas de dados previamente adquiridos na atividade de casa.

Características do meu bairro

- A). Faça um levantamento de características do lugar onde você mora;
- B). Faça uma pesquisa: Entreviste pessoas que moram há muito tempo no seu bairro;
- C) Peça fotos: Fotografe seu bairro atualmente;
- D). Procure saber quem foram às pessoas que deram nome as ruas do bairro;
- E). Fotografe os lugares importantes;
- F). Pesquise se ocorreu uma área muito grande de derrubadas de árvores para a construção do bairro;
- G). Se ocorrem novos reflorestamentos para substituir as árvores derrubadas;
- H). Junte todo o material e traga para escola.

Explicar como ocorrerá a confecção do mural no dia seguinte, onde os alunos montarão na sala de aula um grande mural de fotos e histórias do bairro.

Compreende-se com infantilização na Educação de Jovens e Adultos a prática pedagógica utilizadas em sala de aula que não harmoniza com o perfil dos sujeitos dessa modalidade. Essa desarmonia gritante que é percebida tanto nas atividades utilizadas para crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental, como também pela forma com o docente transmite os conteúdos ao adulto em processo de escolarização básica como se estes fossem crianças.

Nessa concepção é um grave erro pedagógico um docente aplicar aos adultos métodos impróprios, recusando vias metodológicas que integrem o homem em sua comunidade,

sabendo-se esse docente que só por meio da leitura e da escrita, com os conteúdos contextualizados e específicos ao sujeito da EJA aprofundará e consolidará seus conhecimentos críticos frente a sua realidade.

Sabendo-se que a educação tanto de crianças como a de adultos da EJA não tem contorno definido, mas aproximados, por isso se faz necessário ao educador da EJA, perceber o aluno e suas especificidades.

Para tanto as metodologias usadas na Educação de Jovens e Adultos devem explorar conhecimentos que esse sujeito possui, entendendo quais são as reais necessidades de aprendizagem, a autora destaca:

(...). Porém, me pergunto qual é a possibilidade real que tem um adulto, sem hábitos de lidar com atividades organizadas do modo como o são as escolares e que, na maior parte das vezes, trabalha o dia inteiro, de fazer sozinho o dever de casa. Mais ainda, pergunto-me qual é a função do dever de casa nessas circunstâncias, considerando o fato de que a criação da disciplina no estudo, importante como formação geral das crianças, não se aplica a este público e que a própria ideia de fixação de conteúdos pressupõe uma concepção de aprendizagem inadequada aos objetivos da escolarização de jovens e adultos? (OLIVEIRA, 2007, p.89)

Diante do que foi citado selecionei algumas atividades que foram realizadas no decorrer dos estágios das disciplinas de português no período de 09/03 a 07/05 de 2017.2.

Para apresentação destaco que as atividades foram selecionadas a partir da observação feita por considerá-la infantis na sua prática para os alunos da Educação de Jovens e Adultos, os quais são sujeitos maduros e esperam atividades práticas e contextualizadas.

No quinto dia do estágio supervisionado II, 2017.2 me foi trabalhado em sala o texto “A velha que dava nome as coisas”. O texto foi discutido em sala de aula e logo após realizou-se um debate seguido da interpretação oral do texto.

Os alunos usando lápis coloridos destacaram no texto o substantivo próprio e comum com cores diferenciadas, encontrados por eles. Nesse momento percebi que alguns acharam atividade muito fácil até intitulando-a de: “atividade de criança”, (fala de um aluno da escola pública Estadual).

Foi explicado aos alunos que, embora a atividade estivesse fácil era necessário destacarem com lápis colorido para facilitar na realização do exercício seguinte. Feito o destaque das palavras, eles listaram os nomes em colunas no caderno classificando-as. Em outro momento em dupla utilizaram revistas para recortes retirando os substantivos comuns e próprios para em seguida colarem no caderno

E da disciplina de matemática no período de 14/08 a 02/10 de 2018.2.

No primeiro dia de regência do estágio iniciamos a aula com a vivência do jogo de boliche. Antes de começarmos o jogo, explicamos o que seria boliche e se eles já haviam participado de algum jogo semelhante. Depois da explicação convidamos os alunos para brincarem com o jogo de boliche diferente (O jogo foi confeccionado pelo professor).

A política do jogo segue as seguintes regras: primeiro a bola deverá ser jogada uma vez por rodada. Sendo que cada rodada, o jogador anota os pontos que fez na tabela e calcula o total. Após isso o jogador que não conseguir derrubar nenhuma garrafa deverá registrar o número 0. Finalizadas as três partidas, cada jogador deverá somar pontos para ver quem fez mais. No fim do jogo quem tiver o maior número de pontos vence.

Explorando as ideias do jogo:

Após realização de cada jogada foi proposto aos alunos para completarem a tabela do jogo de acordo com cada rodada.

TABELA DO JOGO				
<i>Partidas</i>	<i>Quantidade de garrafas derrubadas</i>	<i>Valor de cada garrafa</i>	<i>Somando</i>	<i>Total de pontos</i>
<i>1ª partida</i>				
<i>2ª partida</i>				
<i>3ª partida</i>				

Os alunos após preencherem as fichas e fixá-las no caderno, resolveram a atividade proposta no enunciado da tabela.

Nessa atividade alguns demonstraram dificuldade em compreender o preenchimento da tabela.

Para a autora Oliveira (2007, p. 78) dá uma ideia de qual a melhor forma de trabalhar com esse público da EJA, observe:

Considerando a singularidade das conexões que cada um estabelece, em função de suas experiências e saberes anteriores, e também, a multiplicidade de conexões, não faz sentido pressupor um trajeto uni e obrigatório para todos os sujeitos em seus processos de aprendizagem. Cada um tem uma forma própria e singular de tecer conhecimentos através dos modos como atribui sentido às informações recebidas.

Dessa forma entende-se que, embora os sujeitos da EJA tenham às mesmas características, os métodos usados devem ser diversificados, conforme a experiência e a especificidade de cada um. Portanto o professor deve estar atento para não praticar uma metodologia e prática que valorize a repetição, sem nenhuma compreensão de leitura da vivência do aluno.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi apresentado neste trabalho percebeu-se que para uma adequada aplicação metodológica acerca das metodologias e práticas na Educação de Jovens e Adultos, faz-se necessário a atuação de técnicas e práticas com finalidades de solucionar as problemáticas existentes no espaço escolar. Dessa forma o que foi exposto nesta pesquisa verificou-se que as concepções sobre as metodologias pedagógicas e suas práticas merecem maior acuidade e que se apresentem para uma qualidade de práticas motivadoras, eficazes e promissoras.

Portanto convém não apenas tratar superficialmente das formas aplicadas na Educação de Jovens e Adultos, mas sim propiciar dentro da conjuntura pedagógica do sistema da modalidade a implantação de métodos que garantem à efetivação, coerência e capacidade de corresponder às várias realidades que são vivenciadas pelos sujeitos da EJA

Porquanto é correto afirmar que as metodologias e práticas aplicadas na EJA têm encontrados indivíduos insatisfeitos pela forma como são apresentadas e exercidas pedagogicamente como: atividades infantilizadas e socialmente: sujeitos às “margens” da sociedade.

Diante dessas realidades de posição social, metodologias e suas práticas que não atendem eficazmente as suas personagens proporcionam nesse processo de construção da autonomia e do indivíduo crítico, sujeitos insatisfeitos com o tipo de política educacional experimentado. Porquanto reformular esse tipo de política nas formas metodológicas adequadas aos jovens-adultos é garantir-lhes sua permanência na construção de sua autonomia e vivência social adequada.

Para os sujeitos da EJA, convém ter um olhar clínico capaz de adentrar em sua realidade promovendo de forma ajustada práticas metodológicas educacionais que tragam para esses indivíduos plenos, autonomia, formação crítica e seres transformadores de sua realidade.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel González. **Educação de jovens-adultos**: um campo de direitos e de responsabilidade pública. In: SOARES, Leôncio; GIOVANETTI, Maria Amélia G. C.; GOMES, Nilma Lino (Orgs.). *Diálogos na educação de jovens e adultos*. Belo Horizonte:

BRASIL. **Ministério da Educação e do Desporto**. Diretrizes Curriculares para Educação de Jovens e Adultos. Brasília, DF, 2000.

BRASIL, **Resolução CNE/CEB Nº 1, de 5 de julho de 2000**. Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação.

BRASIL. **Decreto nº 2.208, de 17 de abril de 1997**. Regulamenta o parágrafo 2º do art. 36 e os artigos 39 e 42 da Lei n. 9394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 18/abr./1997.

CAVALCANTI, R. C. **Educação enquanto serviço público**. Âmbito Jurídico. Rio Grande, v. 13, n. 73, fev. 2010.

FONSECA, M. C. F. R. **Educação matemática de jovens e adultos**: especificidades, desafios e contribuições. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. 25 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 43. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2005.

GADOTTI, Moacir, ROMÃO, José E. (Org). **Guia da escola cidadã**: educação de jovens e adultos – teoria e proposta, 4 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

LDB nacional [recurso eletrônico]: **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**: Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 – 11ª ed. Brasília: Edições Câmara, 2015.

LÜCK, H. **Pedagogia interdisciplinar**: fundamentos teórico-metodológicos. 8. Ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

MEIRIEU, P. **O cotidiano da escola e da sala de aula**: o fazer e o compreender. Trad. Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2005.

NORBECK, Johan. **Formas e métodos de Educação de adultos**, 2. ed, Universidade do Minho, Projeto de Educação de Adultos, Braga, 1981.

OLIVEIRA, Inês Barbosa. Reflexões acerca da organização curricular e das práticas pedagógicas na EJA. **Educar**, n. 29, p. 83-100, Curitiba: UFPR, 2007.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, RJ: Ed Vozes, 2007.

PAIVA, V. P. **Educação Popular e Educação de Adultos**. 2 ed. São Paulo: Loyola, 1983.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

UNESCO. **Educação para todos: o imperativo da qualidade: relatório conciso**. 2005. Disponível em < <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001373/137334POR.pdf>> Acesso em: 16 janeiro. 2020.

VEIGA, Ilma Passos (coord.). **Repensando a Didática**. Campinas: Papirus, 1989.